



# RUMO ÀS PERIFERIAS COM A ALEGRIA DO EVANGELHO

*Fratres et Minores  
in Nostra Aetate*

Documento do Capítulo Geral Ordem  
dos Frades Menores  
Assis, Pentecostes de 2015

Cúria Geral OFM  
Roma 2015

RUMO ÀS PERIFERIAS  
COM A ALEGRIA DO EVANGELHO

*Fratres et Minores in Nostra Aetate*

Documento do Capítulo Geral  
Ordem dos Frades Menores  
Assis, Pentecostes de 2015

Cúria Geral OFM  
Roma 2015

*OFM Communications Office*  
*Via di Santa Maria Mediatrice, 25*  
*00165 – Rome*  
© 2015

## APRESENTAÇÃO do Ministro Geral

Queridos irmãos

O texto que lhes apresentamos é resultado do último Capítulo Geral, que celebramos em Assis por ocasião da Festa de Pentecostes. O Capítulo, com certeza, foi uma experiência muito maior do que os textos escritos podem exprimir. Contudo, acreditamos que através destes textos podemos partilhar com vocês alguns elementos essenciais da experiência que fizemos. Desse modo, nós esperamos que todos os frades da Ordem possam iniciar uma experiência semelhante e, talvez, ainda melhor.

Estamos entregando-lhes três textos: o documento final, as decisões do Capítulo para os próximos seis anos e os textos referentes à bela audiência que o Papa Francisco nos concedeu. Enquanto o documento, partindo da experiência vivida por nós no Capítulo, elabora algumas reflexões gerais que surgiram naqueles dias, as decisões têm um estilo mais operativo e prático. Os textos da audiência, enfim, são uma grata memória de um momento “alto” para toda a Ordem, na presença do Papa.

Tentamos escrever um texto bastante breve e propor um número reduzido de decisões, por uma exigência de sobriedade que se traduz também na escolha de não multiplicar as palavras, mas de dar-lhes o peso devido. Em particular, destaco a escolha de usar um estilo narrativo para o documento final, com numerosas referências à experiência vivida no Capítulo. Do próprio texto emerge também a convicção de refletir sobre as situações que es-

tamos vivendo através da escuta da Sagrada Escritura: a escolha dos “ícones bíblicos”, que estrutura o texto, quer expressar esta convicção.

O título do documento: “Rumo às periferias com a alegria do Evangelho” expressa a escolha de fundo, que é aquela de sair de todo recinto que nos mantém fechados para levarmos a Boa Nova àqueles que hoje dela precisam mais que nunca, com a alegria que nasce do Evangelho.

O subtítulo do mesmo documento, "Fratres et minores in nostraetate", expressa a *forma* do nosso ir pelo mundo: não sozinhos, mas em fraternidade, não com meios poderosos mas como menores, com os pobres instrumentos que temos e que somos.

Entregamos a vocês estes textos, no início deste sexênio, para que todos nós possamos renovar a nossa escolha de sermos de fato irmãos e menores em nosso tempo, movendo-nos decididamente rumo às periferias com alegria do Evangelho.

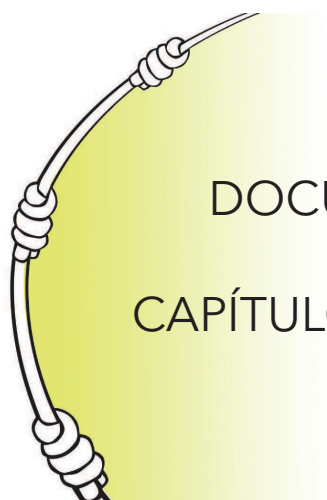
O Senhor nos acompanhe hoje e sempre!

Roma, 1º de novembro de 2015.

Festa de todos os Santos

Fr. Michael A. Perry, OFM  
*Servo e Ministro Geral*

*Prot. 106007*



DOCUMENTO  
DO  
CAPÍTULO GERAL  
2015

5



1. De Assis, paz e bem! Nós, seus irmãos, nos reunimos na Porciúncula para o Capítulo de Pentecostes de 2015, com a presença de 129 frades de diversos países do mundo. Por um mês rezamos juntos e escutamos uns aos outros em um clima sereno e positivo que favoreceu o nosso trabalho para a Ordem toda. Certamente nós, seus Ministros e Custódios, lhes transmitiremos o conteúdo de nosso trabalho e lhes falaremos daquilo que discutimos e decidimos juntos. Mas o Capítulo, no seu todo, quer também chegar até vocês com este documento, para iluminar o sentido das decisões e para apresentar as razões que inspiram as escolhas, para dar a todos os frades uma nova energia e um novo entusiasmo no caminho que nos espera. Além disso, ao documento do Capítulo 2015 anexamos, como apêndice, primeiramente as Decisões votadas e, depois, a *saudação* do Ministro Geral ao Papa Francisco e a *alocução* do Papa Francisco. Isto não apenas para recordar o acontecimento, que é mencionado no texto (cf. n. 19-20), mas porque na *saudação* vem indicado o horizonte rumo ao qual nos voltamos, e na *alocução* há a possibilidade de conhecer o que a Igreja espera dos Frades Menores hoje.

### À escuta dos frades

2. Francisco quis que o Capítulo fosse realizado durante a festa de Pentecostes, que recorda não apenas o dom do Espírito Santo, mas também o dom da Lei no monte Sinai. O livro do Êxodo narra que Moisés leu o livro da aliança diante do povo que respondeu: “Faremos tudo o que o Senhor falou, e obedeceremos”<sup>1</sup>. Israel promete fazer e depois obedecer. Por este motivo, na tradição hebraica, ele é comparado à macieira que primeiramente dá um pequeno fruto na flor e depois solta as folhas. Para entender um ensinamento é preciso colocá-lo em prática, fazer para compreender, conclui a tradição bíblica. E Francisco, que se inseriu

---

1 Ex 24,7.



bem nesta tradição, uma vez que a sabedoria de Deus é reservada aos pequenos e aos pobres<sup>2</sup>, inicia a nossa Regra dizendo que “a vida e a regra dos Frades Menores é esta: observar o santo Evangelho vivendo em obediência, sem nada de próprio e em castidade”<sup>3</sup>. Ele tinha compreendido bem aquela perspectiva bíblica, que ele reafirma quando nos convida a “possuir o Espírito do Senhor e o seu santo modo de operar”<sup>4</sup>, pois “tanto sabe o homem da ciência quanto a prática”<sup>5</sup>. A ação está profundamente relacionada ao Espírito e a verdadeira compreensão do Evangelho se dá através de pô-lo em prática. Não se compreende o amor se não se é amado e se não se ama.

3. O nosso mundo hoje está vivendo muitas mudanças radicais, entre as quais a revolução econômica ligada à globalização, a revolução digital, que com a internet permite divulgar as notícias em tempo real, e a revolução bioética que questiona nosso modo de agir sobre a natureza. Nasceram novas formas de pobreza, como por exemplo, o desemprego de muitos jovens, a globalização da violência e do medo e o problema dos movimentos migratórios de enormes massas de pessoas. A tudo isso é preciso juntar as mudanças climáticas, que começam a preocupar todos os governos, e outros grandes problemas ecológicos, como o desmatamento, a perda da biodiversidade e a poluição da água e da terra que atingem principalmente os mais pobres<sup>6</sup>. Estamos em uma encruzilhada importante para a história da humanidade. Um mundo novo está para nascer e sofre as dores do parto. A mulher

2 Cfr. Mt 11,25.

3 RB 1,1.

4 RB 10,8.

5 *Compilatio Assisiensis* 105: “tantum scit homo de scientia, quantum operatur”; cfr. Egidio de Assis Dicta 16.

6 Cfr. PAPA FRANCISCO, Carta Encíclica *Laudato si'*. Sobre o cuidado da casa comum, 24 de maio 2015.

que dá à luz sofre, mas quando nasce o filho encontra novamente a alegria<sup>7</sup>.

4. Como o mundo está mudando rapidamente, assim também a nossa Ordem encontra-se diante de grandes mudanças. A Ordem é composta de Entidades jovens, cheias de dinamismo e de novas iniciativas e com florescimento vocacional, que devem investir muito na formação dos formadores e nos necessários centros de formação. Por outro lado, existem Províncias cuja maioria dos frades é formada por idosos que merecem um agradecimento pela sua fidelidade e perseverança. Para todos, esta mensagem quer ser uma mensagem de esperança e de encorajamento.

Quatro imagens bíblicas podem acompanhar a nossa reflexão para entendermos as perspectivas deste Capítulo.

### *À escuta da Palavra de Deus*

5. A primeira imagem sobre a qual meditamos juntos no primeiro dia, é aquela da tempestade acalmada. “Depois disso, entrou no barco e os seus discípulos o seguiram. E, nisso, houve no mar uma grande agitação, de modo que o barco era varrido pelas ondas. Ele, entretanto, dormia. Os discípulos então chegaram-se a ele e o despertaram, dizendo: ‘Senhor, salva-nos, estamos perecendo!’ Disse-lhes ele: ‘Por que tendes medo, homens fracos na fé?’ Depois, pondo-se de pé, conjurou severamente os ventos e o mar. E houve uma grande bonança. Os homens ficaram espantados e diziam: ‘Quem é este a quem até os ventos e o mar obedecem?’”<sup>8</sup>.

6. Todos nós conhecemos algumas dessas tempestades, quando tudo fica escuro e começa a entrar água por todos os lados do barco da nossa vida, enquanto parece que Jesus está ausente ou dormindo. Durante os nossos primeiros dias juntos, falamos das

7 Cfr. Jo 16,21

8 Mt 8,23-27

ondas impetuosas que balançam nossos barcos provinciais, como os desafios de um agressivo secularismo e o enfraquecimento da fé religiosa tradicional, o crescente proselitismo de comunidades cristãs evangélicas, a crise econômica criada pela crescente disparidade de ganho entre poucos ricos e muitos pobres, o desafio criado por elementos radicais dentro do Islã, a diminuição numérica de muitas Entidades e a conseqüente entrega de lugares onde a Ordem estava presente há muito tempo e também a crise de identidade causada pela reestruturação de nossas Províncias.

7. Em nossas fraternidades locais também podem desencadear-se tempestades quando não somos de fato irmãos, quando não rezamos juntos, quando deixamos de lado o capítulo local, quando não damos nenhuma importância à leitura orante da Palavra na vida pessoal e comunitária, quando nos isolamos dos outros com o nosso computador e quando consideramos as nossas fraternidades como hotéis. Nestes casos, a tentação de abandonar a Ordem aparece com maior força. A Eucaristia é o momento da nossa vida fraterna que nos convida a recordarmos que Cristo deveria ser o centro de nossa vida e que a fraternidade é um dom do Ressuscitado.

8. E todos nós devemos nos confrontar com as conseqüências datempestade que atingiu a Cúria Geral de nossa Ordem: um rombo financeiro que provocou em alguns Frades a perda de confiança em nosso governo central.

Temos certeza de que nosso irmão São Francisco nos convida a ver e entender como Deus pode estar agindo também nestes momentos difíceis da vida, como ele mesmo precisou aprender em diversas circunstâncias.

9. Um texto da Carta aos Romanos nos ajuda a enfrentar o desafio que estamos experimentando: “Nós sabemos que todas as coisas concorrem para o bem daqueles que amam a Deus, dos que

são eleitos segundo seus desígnios”<sup>9</sup>. São Paulo diz “tudo” e Santo Agostinho acrescentava “*etiam peccata*”<sup>10</sup>, até os pecados.

Esta situação difícil e triste pode tornar-se também para nós algo que coopere para o nosso bem: trata-se de transformar esta grande dificuldade em uma oportunidade de nova fidelidade ao Evangelho.

10. Manter a confiança em Deus é a mensagem principal da tempestade acalmada. Naquele dia, o que salvou os discípulos do naufrágio foi o fato de “terem levado Jesus com eles no barco”, antes de começar a travessia, e o fato de o terem acordado na dificuldade. Esta é também para nós a garantia contra as tempestades da vida: ter Jesus conosco. O meio para ter Jesus dentro do barco da própria vida e da nossa Família Franciscana é a fé, a oração e a obediência à vontade dele.

11. No passado, quando se formava uma tempestade no mar, os marinheiros normalmente jogavam na água o peso supérfluo, como nos atesta também o livro de Jonas<sup>11</sup>. Nós também somos convidados a retornar à pobreza e a nos livrarmos do supérfluo. Em nosso tempo, também nós devemos jogar fora as nossas falsas seguranças e vencer a onda do medo e da angústia através da nossa fé em Deus. A falta de fé dos apóstolos, reprovada por Jesus, que, naquela ocasião, consistia no fato de eles duvidarem que Ele se “importava” com eles e com a segurança deles: “Mestre, não te importa que pereçamos?” Devemos crer no Senhor e renovar nossa entrega radical a Ele.

12. Quando a tempestade foi acalmada, Jesus e os discípulos atracaram na outra margem, na terra dos pagãos que esperavam uma mensagem de libertação. Hoje torna-se urgente que nós dia-

---

9 Rm 9,28

10 UGUSTINUS, *De libero arbitrio* 3, 9-26; *De doctrina christiana* 3, 23-33.

11 Cfr. Jn 1,5

loguemos com as outras religiões e culturas, no espírito de Assis. O Islã, em particular, estava bem presente na mente de Francisco. Para levar luz e esperança no embate de civilização, o diálogo com o Islã se impõe tanto no Oriente como no Ocidente, no Norte e no Sul do mundo. O construir a paz, que merece a bem-aventurança de Jesus, significa colaborar na construção da justiça e da paz, no respeito a toda criação.

### *Um tempo de exílio*

13. A segunda imagem que queremos evocar vem do *Pri-meiro Testamento* e é a profunda crise enfrentada pelo povo de Deus durante o exílio na Babilônia, quando ele perdeu o Templo, o sacerdócio, as suas estruturas e a sua terra. Esta travessia noturna marcou o fim de um mundo: o povo conheceu a noite das instituições. Espoliado de todos os seus sinais particulares e espalhado no meio das nações pagãs, Israel foi reconduzido à sua nudez primitiva<sup>12</sup> e reenviado à pobreza essencial do ser humano. Agora não sabe mais de antemão o que Deus quer e caminha na noite. Não é mais do Monte Sinai que vem a Palavra de Deus, mas da profundidade do coração despedaçado: “Um coração contrito e humilhado, ó Deus, tu não desprezas”<sup>13</sup>. Chegando ao fundo do poço, Israel experimenta um novo nascimento. O povo de Deus redescobre a importância do coração novo e do espírito novo<sup>14</sup>. No profundo do abismo forja-se uma esperança indestrutível. Pode atravessar a noite à luz da Palavra de Deus. Pode crer no Deus que devolve a vida aos mortos<sup>15</sup>.

14. Se quisermos ser filhos de Deus e Frades Menores em um mundo pós-moderno e reencontrar a nossa identidade, deve-

---

12 Cfr. Ez 16,8

13 Sl 51,19

14 Cfr. Jr 31,33

15 Cfr. Ez 37

mos antes de tudo renovar nossa confiança em Deus que nos fala também nas trevas e cuja Palavra é sempre viva. Devemos crer no Deus que nos chama para viver a forma do santo Evangelho através do sacramento que é a nossa fraternidade em nosso tempo. Somos convidados a reencontrar o radicalismo evangélico, para sermos de fato irmãos e filhos de Deus no mundo de hoje. Devemos repetir, com Pedro e João, aos paralíticos modernos que nos pedem esmola: “Nem ouro nem prata possuo. O que tenho, porém, isto te dou: em nome de Jesus Cristo, o Nazareno, põe-te a caminhar!”<sup>16</sup>.

Sim, Cristo ressuscitou e vive, e nos dá o dom da fé, a fim de sermos testemunhas dele num mundo secularizado, sempre anunciando a paz: “A paz esteja convosco! Não tenhais medo”<sup>17</sup>. O mundo humano e toda a criação precisam urgentemente desta paz, especialmente em muitos países nos quais os cristãos são hoje novamente perseguidos e lá onde faltam recursos. O medo que paralisa as novas iniciativas deve ser eliminado, apesar da idade avançada de muitos frades e de outros que abandonam a Ordem.

15. No próximo jubileu da misericórdia, que corresponde ao oitavo centenário do perdão de Assis, Francisco nos convida especialmente a cuidarmos uns dos outros: “Se a mãe ama e nutre o seu filho carnal, quanto mais diligentemente deve cada um amar e nutrir seu irmão espiritual?”<sup>18</sup>. Falando de mãe, Francisco tem diante dos olhos o ideal de mãe natural, mas também nos convida a darmos um passo adiante para viver uma maternidade espiritual. Ser misericordioso significa ter coração de mãe, que quer dar tudo que é bom ao seu filho. Este ano de misericórdia nos recorda também que a conversão de Francisco aconteceu no “fazer mise-

---

16 At 3,6

17 Jo 20,19; Mc 16,6

18 Rb 6,8

ricórdia” com os leprosos<sup>19</sup>; nós também somos interpelados a estarmos atentos e termos compaixão para com os marginalizados de hoje.

Também entre as famílias da Primeira Ordem e da Terceira Ordem Regular nasceu o desejo de maior comunhão; neste sentido, passos claros foram apresentados para o triênio 2015-2018. Procurando superar nossas divisões históricas, queremos tomar iniciativas de colaboração para aprender a caminhar juntos como irmãos.

O Papa Francisco recorda que os cristãos são chamados a viver a alegria do Evangelho e convida à reflexão sobre o fato de que “quando em uma família se perde a capacidade de sonhar, as crianças não crescem, o amor não cresce, a vida enfraquece e apaga-se”<sup>20</sup>. Mais uma vez, devemos cultivar os nossos sonhos para uma vida mais plena.

16. Entre os problemas que já mencionamos, além do desafio do diálogo entre as religiões e culturas, nos parece importante recordar a crescente disparidade entre ricos, que progressivamente diminuem em número e aumentam em riqueza, e os pobres que, ao contrário, crescem em número, incluindo sempre mais aqueles que antes faziam parte da classe média. Ouçamos o grito dos pobres e unamos nossas vozes ao desafiar as estruturas de pecado que criam e perpetuam tais situações. Devemos ser agentes de transformação, sempre mais convictos de nosso chamado a abraçara situação de nossos irmãos e irmãs cuja vida de pobreza não é voluntária, como a nossa, mas é, antes, desumanizante.

17. Nós somos chamados a mostrar com a nossa fraternidade e a nossa minoridade um modelo alternativo de vida, válido e profético, para os homens e mulheres do nosso tempo. A nossa

---

19 Test 2

20 PAPA FRANCISCO, Discurso em Manila, 16 de maio 2015.

fraternidade nos oferece segurança nas duras realidades da vida e isso pode indicar um modo concreto para combater o problema mais real de nossos contemporâneos, que é a solidão e a precariedade por causa do isolamento em que cada um vive, com as consequências em nível econômico, relacional e humano. A minoridade nos convoca a vivermos sobriamente e a descobriremos as razões mais verdadeiras da felicidade humana, bem diferentes daquelas propostas pelo consumismo.

A nossa vida poderia ser um apelo contínuo à fé e ao amor, as únicas características que fazem nascer aquela alegria que torna a vida religiosa atraente.

### Como o cego Bartimeu

18. A terceira imagem vem de uma perícopes do Evangelho lidaem uma celebração eucarística durante o Capítulo. É a narração da cura do cego Bartimeu<sup>21</sup>. Encontramo-lo sentado à beira da estrada empoeirada, na entrada de Jericó, recebendo, de vez em quando, uma moedinha em sua mão estendida e segurando firme aquelas poucas moedas que poderiam fazer a diferença entre a fome e a sobrevivência. Sabia bem que seria a mesma coisa no dia seguinte e nos outros. Porém, naquela vez, ele ouviu de repente vozes que diziam que Jesus estaria passando pela estrada, aquele homem sobre o qual diziam que curava as pessoas de suas doenças. Bartimeu, de qualquer maneira, havia entendido em seu coração que Jesus poderia ajudá-lo e quesurgia uma possibilidade de mudança para a sua vida. Era o momento certo! E assim tinha recuperado a sua voz mais forte e gritava: “Filho de Davi, Jesus, tem compaixão de mim!”

19. Irmãos, cremos que hoje estamos em uma passagem crucial da história de nossa Ordem. O que é necessário neste mo-

---

21 Mc 10,46-52



mento, se quisermos realizar aqueles sonhos que evocamos acima, é que nós, Frades Menores, admitamos a nossa necessidade de sermos curados e gritemos ao Senhor para obter a sua piedade e compaixão. Na terceira semana do Capítulo fomos a Roma para sermos recebidos em audiência pelo Papa Francisco. Ele nos recordou que a minoridade consiste primeiramente em reconhecer a própria e verdadeira condição, isto é, que somos “pequenos, necessitados e pecadores diante de Deus”. De fato, “quanto mais estivermos conscientes disso, tanto mais estaremos próximos da salvação; quanto mais estivermos convictos de que somos pecadores, tanto mais estaremos dispostos a ser salvos”. Por isso queremos reconhecer que nós, Frades Menores, somos muitas vezes fracos, homens pecadores e necessitados da misericórdia de Deus e do seu povo. Em particular, queremos reconhecer que foram cometidos erros, muitas vezes sérios, na administração dos nossos bens temporais.

16

20. Como Bartimeu, nós, irmãos reunidos no Capítulo Geral, pedimos ao Senhor “que vejamos de novo”. Certamente a realidade que mais pesa em nossos ombros neste Capítulo é o sério dano causado pela crise financeira que atingiu a Cúria Geral da Ordem. Este acontecimento foi de fato uma dramática demonstração da nossa minoridade: nós, Frades Menores, somos realmente pessoas pobres e necessitadas. O dano não é apenas material, mas também espiritual e moral; de modo ainda mais grave, neste Capítulo, nós vimos bem diante dos olhos o dano que esta crise provocou em nós. Percebemos a irritação daqueles irmãos que, com o fruto do seu trabalho, contribuem generosamente com a administração central da Ordem, e agora se perguntam onde foram parar essas contribuições. Sentimos a dor destes irmãos, especialmente das Entidades emergentes, cujas necessidades urgentes encontrarão dificuldades para serem atendidas pela administração central por causa das nossas atuais limitações econômicas. Sabemos também que esta situação prejudicou as nossas relações com muitos ho-

mens e mulheres que, durante anos, generosamente têm ajudado a nós, Frades, como também a muitos projetos da Ordem.

E assim devemos levar no coração a consolação e o desafio das últimas palavras que o Papa Francisco nos dirigiu: “Vocês herdaram a autoridade do povo de Deus com a minoridade, com a fraternidade, com a brandura, com a humildade, com a pobreza. Por favor, conservem-na! Não a percam! O povo gosta de vocês, ama-os”.

Portanto, durante este Capítulo, tomamos medidas para assegurar uma maior transparência na administração da nossa Cúria Geral e para conferir uma maior tutela aos bens que recebemos do Senhor e do seu povo. Pedimos a todos vocês que renovem a confiança na Ordem, especialmente nos irmãos que escolhemos para o governo durante este Capítulo. Assumindo o encargo que nós lhes conferimos, possam ouvir as palavras curadoras de Jesus, através da compreensão e da confiança de vocês: “Vai, a tua fé te curou”.

21. Mas a atual crise financeira referente à nossa administração central – como também o desafio do Papa Francisco que recordamos – toca de fatoem um ponto que diz respeito a todos nós, Frades Menores. Trata-se do modo com o qual usamos o dinheiro e os bens materiais. Há um outro detalhe interessante na história de Bartimeu. Quando os discípulos lhe dizem “Coragem! Ele te chama. Levanta-te!”, ele, “jogou forao seu manto, levantou-se” para ir até Jesus o mais rápido possível. Bartimeu jogou fora a mais valiosa propriedade de todomendicante que vive pelas estradas: o seu manto para manter-se aquecido à noite.

E ele provavelmente deixou cair as poucas moedas que segurava na mão, por sua trepidez em responder à pergunta de Jesus: “Que queres que eu te faça?”. O chamado a uma nova vida que Jesus lhe oferecia, fê-lo esqueceras suas velhas seguranças. Quando, neste Capítulo, invocamos novamente o nosso chamado para

sermos irmãos e menores, recordamos o nosso fundamental empenho franciscano de viver “sem nada de próprio”<sup>22</sup>. Também este ano da Vida Consagrada nos tem recordado várias vezes o nosso chamado para vivermos em alegre pobreza. Infelizmente, às vezes, parece que muitos de nós se esquecem deste empenho. Podemos nos perguntar se acontece de tratarmos como posse pessoal os bens que nos foram confiados pelo povo de Deus – usando-os como achamos melhor – sem nenhum sentido de responsabilidade em relação aos nossos benfeitores e em relação àqueles que hoje são pobres. Talvez aconteça de retermos para nós mesmos o fruto do nosso trabalho, sem devolvê-lo ao bem comum da fraternidade. E algumas fraternidades locais talvez acumulem dinheiro para si, sem um sentido de responsabilidade diante das necessidades da inteira fraternidade provincial. Talvez aconteça também que algumas Províncias busquem sobretudo garantir a própria segurança e bem-estar, ignorando as necessidades da fraternidade toda dos Frades Menores. A atual situação financeira que estamos atravessando leva-nos todos aos fundamentos de nossa vida evangélica: o nosso desejo de “seguir o ensinamento e as pegadas de nosso Senhor Jesus Cristo, que diz: ‘*Se queres ser perfeito, vai e vende tudo que tens, e dá aos pobres e terás um tesouro no céu; e vem, segue-me*’”<sup>23</sup>. Isto significa que de fato nós não devemos ter nada de próprio, mas devemos estar unidos como irmãos em uma família, gozando juntos das bênçãos de Deus, partilhando livremente estes bens uns com os outros e com os pobres de Deus. São Francisco nos diz que devemos ser, sem distinções, Frades Menores<sup>24</sup>.

22. Meditamos também nas últimas palavras da história de Bartimeu: “No mesmo instante ele recuperou a vista e seguia-o no

---

22 Cfr. Rb 1,1

23 Rnb 1,1; cfr. Mt 19,21

24 Cfr. Rnb 6,3

caminho”. O seu caminho futuro não seria um retorno à vida precedente, mas o ingresso em uma comunidade de discípulos que seguem Jesus pela estrada rumo à sua morte em Jerusalém e à sua ressurreição para uma vida nova. Neste Capítulo, nós rezamos desde o primeiro dia para termos a coragem de observar o santo Evangelho, como a nossa Regra de vida nos ensina, e para sermos “irmãos e menores em nosso tempo”.

23. Sabemos que isto significa que devemos seguir as pegadas de Jesus no esvaziarmo-nos de nós mesmos, no amor humilde, indo sempre mais em direção às periferias, na Galileia dos povos, e tornando-nos sempre mais próximos dos pobres e daqueles de quem ninguém cuida. Assim dizia Francisco em nossa primeira forma de vida: “E devem alegrar-se quando conviverem com pessoas insignificantes e desprezadas, com pobres, fracos, doentes, leprosos e os que mendigam pela rua”<sup>25</sup>. O Senhor ressuscitado já está presente e vivo naquelas periferias. No tempo pascal, que concluímos há pouco, nós escutamos exemplos e mais exemplos, nos Atos dos Apóstolos, de como aqueles primeiros companheiros de Jesus eram desafiados a alargar continuamente os próprios horizontes e a reconhecer que o Espírito de Deus estava já operando entre aqueles corruptos pagãos e também em lugares estranhos, até mesmo hostis. Mas, para seguir Jesus nas periferias, nós devemos, como Bartimeu, deixar para trás o velho manto de nossas seguranças; devemos, como Pedro e Paulo, perder algumas das coisas e dos preconceitos que, por várias razões, mantemos bem firmes, e devemos recolocar toda nossa fé em Jesus, caminhando juntos, com alegria rumo, ao Reino de Deus.

---

25 Rnb 9,2

*Como Abraão e Sara*

24. O Capítulo Geral, com estatísticas à mão, demonstrou-nos que a Ordem dos Frades Menores está diminuindo e envelhecendo em algumas partes do mundo, enquanto, em outras, está crescendo cheia de dinamismo. Uma visão realista deve reconhecer os dois dados: a crise de algumas entidades e o crescimento de outras.

Lá onde a Ordem está em declínio numérico, ainda que possa haver muitas realidades positivas, alguns frades estão se interrogando sobre o próprio futuro.

Diante desta crise, é possível haver uma postura de desânimo: “O barco está afundando. Salve-se quem puder!”. Não se grita isso sobre os telhados, mas alguns frades assim pensam sem confessá-lo abertamente. E com esta desculpa começa a afastar-se da vida fraterna, abrindo contas pessoais para financiar o próprio cartão de crédito. Este comportamento é contrário à fé total à qual o Evangelho nos chama.

O único comportamento positivo é o de não ficar no sofrimento da noite, mas de atravessá-la à luz da Escritura “até que raie o dia e surja a estrela d’alva em nossos corações”<sup>26</sup>.

25. O chamado a permanecermos abertos à esperança foi vivido de maneira profética pelos Patriarcas, de modo particular por Abraão que, quando recebeu a promessa, era já idoso: tinha 100 anos<sup>27</sup> e sua mulher Sara tinha 90.

Três estrangeiros passam pelo carvalho de Mambré. Abraão, como bom oriental, pratica a hospitalidade para com estes desconhecidos. Ordena que se pegue água para lavar os pés deles, que se prepare um pouco de pão e se mate um terneiro. Prepara coalhada.

---

26 2Pd 1,19

27 Cfr. Gn 21,5

Abraão chama os três hóspedes de “meu Senhor”<sup>28</sup>. O autor da Carta aos Hebreus comenta: “Alguns, praticando-a (a hospitalidade), sem saber, acolheram anjos”<sup>29</sup>. E nós podemos acrescentar que outros, praticando a hospitalidade, receberam noviços.

26. Sara escutou a mensagem do anjo: “Tua mulher terá um filho”. O sorriso de Sara, que ela mesma queria negar, pode ser interpretado como sinal de falta de fé. Porém, este sorriso recorda o sorriso de Deus no Salmo 2, que desfaz toda perplexidade: “Ri-se aquele que habita no céu, o Senhor zomba deles”<sup>30</sup>. O sorriso de Deus sabe transformar a humanidade. Ele ri diante dos obstáculos. O seu sorriso desarma.

Nada é impossível a Deus. Esta frase será retomada pelo anjo Gabriel diante de Maria no Evangelho de Lucas quando narra a anunciação. Sara acreditou. O autor da carta aos Hebreus o confirma: “Pela fé, Sara, a estéril, também ela tornou-se capaz de conceber, mesmo já fora da idade propícia, porque considerava fiel aquele que lhe havia feito a promessa”<sup>31</sup>.

27. O problema fundamental é um problema de fé. Em um mundo que muda rapidamente é preciso acolher com fé a situação atual não como a uma catástrofe, mas como a um mistério cheio de apelos que faz parte do desígnio de Deus. “Assim demos maior crédito ainda à palavra dos profetas, a quem fazeis muito bem em atender, como a uma lâmpada que resplandece nas trevas”<sup>32</sup>. É preciso continuarmos o sorriso de Sara e sermos testemunhas da alegria. Deus, que tornou fecundo o seio de Sara, é capaz de tornar fecunda hoje a Ordem Franciscana, com seus 800 anos.

---

28 Gn 18,3

29 Hb 13,2

30 Cfr. Sl 2,4

31 Hb 11,11

32 2Pd 1,19

28. Durante o Capítulo, pudemos ver também o dinamismo e as energias de algumas Entidades da Ordem através de vídeos significativos, preparados pelas diversas Províncias, ilustrando-lhes a vida. Além de uma palavra de gratidão e ânimo, queremos expressar a nossa confiança e estima a todas as Províncias e Custódias jovens que são o futuro da Ordem. Vocês são um dom de Deus para nós.

29. Com grande humildade e realismo queremos deixar algumas sugestões, sem cair no paternalismo. Sem copiar as culturas ocidentais, as Entidades jovens devem viver o estilo de vida franciscano, inspirado no Evangelho, respeitando as culturas locais e integrando nelas o espírito de Assis. São Francisco era um homem universal e a beleza de seu carisma é capaz de transfigurar todas as culturas, inserindo nelas um fermento novo. Cabe a cada um fazer o discernimento necessário.

30. Sabemos bem que a quantidade de vocações não exclui a qualidade. De modo particular os formadores bem preparados deverão transmitir aos Frades jovens o sentido de família que caracteriza a nossa Ordem. É preciso não se deixar contagiar pelo vírus do ativismo que atingiu tantas partes do mundo. Não é preciso repetir alguns erros cometidos pelas Entidades mais antigas.

31. O filho de Abraão e Sara foi chamado de Isaac, que quer dizer “o filho do sorriso”. A vocação de nossas Entidades mais jovens é ser um sorriso de Deus nas próprias culturas para todos aqueles que as circundam; assim será transmitida a alegria do Evangelho a um mundo que busca a paz. Na abertura ao Espírito, possamos nos tornar profetas para o mundo. Que São Francisco nos ensine a fazer a vontade de Deus, como Isaac aceitou fazê-la.

*Chamados para sair com alegria*

32. Irmãos, houve uma mensagem clara durante o mês do Capítulo Geral: somos chamados, mais uma vez, a sair da comodidade de nossas casas e de nossas vidas. Há 800 anos, neste lugar da Porciúncula, Francisco enviou os seus primeiros irmãos, “dois a dois”, para pregar o Evangelho com o exemplo e usando também as palavras, quando fosse necessário. Do mesmo modo, nós também somos chamados a ser, mais uma vez, ministros da alegria do Evangelho, ministros da misericórdia de Deus. Somos chamados a sair rumo às periferias, na direção dos que estão marginalizados, naqueles lugares onde as pessoas passam mais necessidades - seja muito longe, do outro lado do mundo -, seja muito perto, quem sabe na mesma rua de nossa casa. Este sempre foi o coração de nossa forma de vida franciscana e agora somos desafiados a recomençar mais uma vez.

33. Durante este mês, nós sondamos os muitos desafios com os quais nos deparamos, sejam aqueles que provêm de dentro da nossa Ordem, sejam aqueles que surgem no mundo que nos rodeia. Mas também fomos revigorados por muitos sinais de vida em nossa Fraternidade. A sensação que tivemos, como irmãos reunidos para o Capítulo Geral, não foi de resignação diante de realidades difíceis, mas, antes, de um profundo senso de esperança e de possibilidades. Esta esperança, porém, só se realizará se todos nós renovarmos o nosso comprometimento para com nossa forma de vida evangélica. Todos devemos fazer uma escolha – em nível pessoal, local e provincial – para tornarmo-nos de fato Irmãos e Menores e sairmos rumo aos lugares do nosso mundo onde a alegria de Deus e a misericórdia são tão profundamente solicitadas. Assim, este documento não permanecerá simplesmente um pedaço de papel, mas será encarnado em nossa vida.



34. Deixando este lugar consagrado a Santa Maria dos Anjos, pedimos a sua ajuda com as palavras do Papa Francisco<sup>33</sup>:

*“Virgem e Mãe Maria...  
ajuda-nos a dizer o nosso «sim»  
perante a urgência, mais imperiosa do que nunca,  
de fazer ressoar a Boa-Nova de Jesus. (...)  
Alcança-nos agora um novo ardor de ressuscitados  
para levarmos a todos o Evangelho da vida  
que vence a morte.  
Dá-nos a santa ousadia de buscar novos caminhos  
para que chegue a todos o dom da beleza que não se apaga.  
(...)  
Estrela da nova evangelização,  
ajuda-nos a refulgir com o testemunho da comunhão,  
do serviço, da fé ardente e generosa, da justiça  
e do amor aos pobres,  
para que a alegria do Evangelho  
chegue até aos confins da terra  
e nenhuma periferia fique privada da sua luz...”*

---

33 PAPA FRANCISCO, Exortação apostólica, *Evangelii Gaudium* 288, 24 de novembro de 2013.



## Apêndice 1

### Decisões do Capítulo Geral 2015



## Decisões Capitulares

### A. No âmbito do Governo Geral

#### *Instituto misto*

1. O Governo da Ordem e das outras Entidades promovam a igualdade entre os frades (CCGG 3), reforçando a identidade do irmão leigo na Ordem.
2. O Capítulo Geral estabelece um mandato ao Definitório Geral para que envie novamente um pedido ao Papa a fim de que seja cumprido o que está indicado no parágrafo 61 da *Vita Consecrata* a respeito dos Institutos mistos.

#### *Formação Inicial e Permanente*

3. O Definitório Geral, juntamente com o Secretariado Geral para a Formação e os Estudos, promova a cultura e a pastoral das vocações e da Formação Permanente e Inicial na Fraternidade universal, a partir da *Ratio Formationis* e do conjunto de Documentos da Ordem, com instrumentos pedagógicos adequados e organizando congressos de formadores por Conferências e para toda a Ordem sobre o tema do acompanhamento.
4. O Definitório Geral, juntamente com o Secretariado Geral para a Formação e os Estudos, promova o desenvolvimento do patrimônio intelectual franciscano por meio da pesquisa, do magistério e das publicações, de alto nível científico; encoraje a colaboração entre os Centros de Estudos Superiores da OFM; convoque um Congresso para os Centros de Estudos da OFM sobre temas de atualidade para a vida e missão da Ordem na Igreja,

a partir de uma perspectiva cultural e teológica global; estude e favoreça as possibilidades de uma maior colaboração acadêmica da Pontifícia Universidade Antonianum e dos outros Centros de Estudos OFM, com toda a Família Franciscana.

5. O Definitório Geral, juntamente com o Secretariado Geral para a Formação e os Estudos, continue favorecendo as casas e experiências formativas interprovinciais, internacionais e interculturais; acompanhe as experiências missionárias nos projetos internacionais de missões da Ordem; siga o projeto de vida da Fraternidade Franciscana “Beato Gabriel Allegra”, de Roma.

#### *Fidelidade e perseverança*

6. O Definitório Geral mantenha viva uma comissão internacional para o “Serviço de Fidelidade e Perseverança”, em colaboração com a Procuradoria Geral da Ordem, o Secretariado Geral para a Formação e os Estudos, o Secretariado Geral para as Missões e a Evangelização, a Pontifícia Universidade Antonianum e outros especialistas no setor. A comissão terá a tarefa de estudar profundamente as motivações vocacionais diante das crises, e de propor estratégias para renovar e revigorar a fidelidade carismática através da Formação Permanente e Inicial, do Capítulo Local e do serviço da autoridade, do estudo dos desafios culturais hodiernos e das várias etapas da vida, de subsídios *online* que ajudem os frades e as fraternidades a retomarem continuamente a questão vocacional.

#### *Linhas indicativas sobre o Eremitério e Casa de Oração*

7. O Definitório Geral encoraje, com a publicação de Linhas indicativas e de caminhos concretos, cada Entidade, ou ao menos cada Conferência, a constituir uma fraternidade de eremitério ou casa de oração (cfr. EEGG 15,1), particularmente dedicada à vida

de oração e devoção. Seja permitido aos frades dedicar tempo e formação a um estilo de oração franciscana que possa ser útil também para as outras fraternidades.

### Subsídio para vida de pobres e menores

8. O Definitório Geral elabore um subsídio para ajudar os Ministros Provinciais, os Custódios e todos os Frades a animar e avaliar regularmente quão honestamente, concretamente e autenticamente vivemos como pobres e menores em meio aos pobres para assegurar que todas as Entidades e as Fraternidades locais tornem-se comunidades de presença e solidariedade “com” e “no” serviço aos pobres.

### Comissão internacional para os assuntos econômicos

9. O Definitório Geral institua uma comissão internacional para os assuntos econômicos (EEGG 160), composta por frades com experiência e por profissionais leigos. A comissão apresentará anualmente relatórios ao Definitório Geral e no encontro de Presidentes das Conferências.

### Subsídio para o cuidado da Criação

10. O Definitório Geral publique um subsídio sobre o cuidado da Criação que tenha uma sólida base bíblica, eclesial, franciscana e científica, e dê orientações para que as nossas Entidades possam responder aos desafios ecológicos do nosso tempo.

11. Cada Entidade, através do moderador da Formação Permanente, do animador para a Evangelização e o animador do JPIC, seguindo as orientações do subsídio geral, prepare um programa para que esta dimensão venha a fazer parte do nosso estilo de vida e da atividade pastoral e social das Entidades. Este objeti-

vo seja avaliado nos encontros dos Presidentes das Conferências com o Definitório Geral.

### *Novas formas de fraternidade e presença*

12. O Governo da Ordem e das outras Entidades, em colaboração com os respectivos Secretariados da Formação e Estudos, das Missões e Evangelização e do serviço JPIC, tendo em vista uma vida franciscana renovada e profética, de acordo com os sete pontos do Documento *Ite Nuntiate* (2 §1) e levando em conta as categorias ilustradas no *Instrumentum laboris* do Capítulo Geral, n. 84 e 98, promovam na Ordem (em todos os níveis) experiências de saída em direção aos pobres e às periferias (geográficas e existenciais) através de Novas Formas de Fraternidade de presença e evangelização.

### *Linhas diretivas sobre a evangelização missionária*

13. O Definitório Geral, com o Secretariado Geral para as Missões e a Evangelização, elabore Linhas Diretivas (cfr. mandato 16 do Capítulo 2009) sobre a evangelização missionária, a partir das propostas contidas no Relatório capitular do Secretariado Geral para as Missões e a Evangelização.

### *Formação de missionários*

14. O Definitório Geral, através do Secretariado Geral para as Missões e a Evangelização, continue a formação “inicial e permanente” dos missionários na fraternidade Nossa Senhora das Nações, de Bruxelas, aberta também para outros membros da Família Franciscana, prevendo um envolvimento da UCLAF para um projeto semelhante na América Latina.

*Apoio aos Vicariatos Apostólicos confiados à Ordem*

15. O Definitório Geral continue apoiando os Vicariatos Apostólicos confiados à Ordem, sensibilize toda a Fraternidade sobre este serviço pedido pela Igreja, ajude as Entidades encarregadas, em termos de pessoal e de recursos econômicos, verificando, em diálogo com a Santa Sé, a manutenção do atual número.

*Sustento econômico do SGME*

16. O Capítulo Geral estabelece que a obrigação prevista pelos EEGG 72,2 (“O Secretariado Geral para as Missões e a Evangelização deve ser mantido economicamente por todas as Entidades da Ordem. O Capítulo Geral deve estabelecer a forma e a metodologia deste sustento”), deve ser cumprida através de estrutura baseada na atual modalidade das “faixas”, usada pela Ordem para a “contribuição de solidariedade”.

*Sustento econômico do SGFE*

17. A prática estabelecida pelo Definitório Geral, conjuntamente com os Presidentes das Conferências em maio de 2012 sobre o financiamento do Secretariado Geral para a Formação e os Estudos, continue até o próximo Capítulo Geral, com uma revisão anual durante o encontro com os Presidentes.



## **B. No âmbito das Entidades**

### *Vida fraterna: programação e avaliação*

18. O Ministro Provincial e o Definitório, o Custódio com o Conselho, juntamente com os Guardiães, programem e avaliem anualmente como animar as Fraternidades nos aspectos essenciais da vida fraterna.

### *Programa ecológico da fraternidade local*

19. Cada Fraternidade elabore, no projeto de vida e missão, *um programa ecológico* que promova estilos e escolhas concretas de vida que manifestem o respeito e o cuidado para com a Criação (Cf. *Subsídio Salvaguarda da criação na vida cotidiana dos frades menores*, publicado pelo escritório geral JPIC em 2011). Os Visitadores Gerais, no serviço às Entidades, verifiquem com atenção e promovam este programa.

## **C. Mudança nos artigos dos EEGG**

### *Artigo 21:*

A condição jurídica dos Bispos eméritos que retornam à Província ou a Custódia seja definida nos Estatutos Particulares, tendo presente todavia que eles não podem gozar de voz ativa e passiva [cfr. AOFM, 130 (2011), p. 26].

### *Artigo 21b:*

b. Prestar ajuda ao Ministro Geral e ao seu Definitório no governo e na animação de toda a Ordem. Para este fim, nos encontros com o Governo Geral, os Presidentes das Conferências sejam consultados sobre as questões de maior importância da Ordem.



## Apêndice 2

Saudação do Ministro Geral  
ao Papa Francisco

Alocução do Papa Francisco  
aos Capitulares



## Saudação do Ministro Geral ao Papa Francisco na audiência durante o Capítulo Geral

Cidade do Vaticano, Sala Clementina, 26 de maio de 2015

Santidade, nosso muito amado Papa Francisco, com profunda alegria apresento-lhe a mais cordial saudação por parte de todos os membros do Capítulo Geral da Ordem dos Frades Menores.

Desde o último dia 10 de maio estamos reunidos em Assis, em Santa Maria dos Anjos, onde São Francisco de Assis queria que seus frades se reencontrassem. Cada um de nós e todos juntos queremos agradecer-lhe de coração pela benevolência que o senhor sempre tem mostrado para conosco.

Em particular, lhe expressamos nossa gratidão pela audiência que hoje o senhor nos concede e pela sua especial atenção ao nosso Capítulo mediante a amável presença de seu delegado, o Cardeal Javier Francisco Errázuriz Ossa, que, com a sua discrição fraterna e sua autoridade paterna, nos transmitiu a guarda e o cuidado solícito do Papa para com a nossa Ordem.

Em uma breve frase resumimos o tema que estamos abordando no Capítulo: «*Fratres et minores in nostra aetate*». São dois os aspectos deste tema: *irmãos e menores* é o nome escolhido por São Francisco para si e para seus companheiros; a atenção ao nosso tempo é a perspectiva a partir da qual queremos interrogar-nos sobre o modo de sermos sempre mais *irmãos* e cada vez mais *menores*. Estamos, de fato, convencidos de que a profecia que o mundo de hoje espera de nós seja sobretudo aquela fraternidade e minoridade que queremos testemunhar de maneira crível.

Vimos aqui para encontrá-lo, “Senhor Papa”, como dizia São Francisco, para expressar a nossa firme decisão de ser sempre fiéis à santa Igreja romana, e também para receber indicações, correções e sugestões a fim de que possamos seguir sempre mais fielmente as pegadas de Jesus.

Sabemos que dentro de pouco tempo o senhor nos apresentará uma reflexão sobre o tema da ecologia. Este é um tema muito caro a todos nós, franciscanos. Prometemos ao senhor, desde agora, fazer todo o possível para traduzir em escolhas concretas o que o senhor nos vier a indicar também neste âmbito.

No Capítulo Geral e neste encontro com o senhor, nós desejamos alcançar novo impulso, coragem e ousadia para a nossa vida de frades menores. Assim poderemos retornar para os países dos cinco continentes de onde viemos, confirmados na vontade e renovados nas forças para que possamos anunciar a paz, dom do Ressuscitado, e sermos testemunhas da alegria do Evangelho, *Evangelii gaudium!*

Às vezes, porém, acontece que o nosso testemunho de vida vacila, tornando-nos poucodignos de credibilidade. Como o senhor bem sabe, Santo Padre, a nossa coerência com o carisma da minoridade e da pobreza recentemente veio a falhar, particularmente por causa de escolhas de gestão econômica discutíveis. Neste Capítulo quisemos falar com honestidade e clareza também sobre isto. Pedimos a Deus que estas situações problemáticas e provocatórias possam ser, por graça divina, uma morte que floresce na ressurreição da vida evangélica. Nós prometemos viver o Evangelho que é o único fundamento sólido de nossa vida. Pedimos ao Senhor que cure, com o seu Santo Espírito, as feridas à confiança fraterna que estes acontecimentos provocaram.

No começo e no final de nossa Regra, São Francisco une fortemente “o observar o santo Evangelho” com “a obediência e reverência ao Senhor Papa Honório e a seus sucessores canoni-

camente eleitos e à Igreja Romana”. Por isso, quero agora finalizar esta saudação com a frase que conclui a nossa Regra e que explica bem o por que estamos aqui hoje diante do senhor: “Para que sempre súditos e sujeitos aos pés da mesma santa Igreja, estáveis na fé católica, observemos a pobreza e humildade e o santo Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo, que firmemente prometemos”.

Fr. Michael A. Perry, OFM  
*Ministro Geral*

## Alocução do Papa Francisco aos Capitulares

Cidade do Vaticano, Sala Clementina, 26 de maio de 2015

Caros Frades Menores,

Sejam bem-vindos! Agradeço ao Ministro-Geral, Fr. Michael Perry, por suas cordiais palavras e desejo-lhe todo o bem natarefa para a qual foi confirmado. Estendo a minha saudação a toda a Ordem, especialmente aos irmãos doentes e idosos, que são a memória da Ordem e que são nela a presença de Cristo crucificado.

Nestes dias de reflexão e oração, vocês deixaram que dois elementos essenciais da sua identidade os guiassem em particular: a minoridade e a fraternidade.

Pedi uma sugestão a dois jovens amigos franciscanos da Argentina: «Devo dizer algo sobre a minoridade, deem-me um exemplo». Um respondeu-me: «Deus me conceda a minoridade a cada dia». O outro disse: «É o que procuro fazer todos os dias». Esta foi a definição de minoridade que os meus dois amigos, jovens franciscanos da minha terra, me deram.

A minoridade convida a sermos e a sentirmo-nos pequenos diante de Deus, confiando-nos totalmente à sua misericórdia infinita. A perspectiva da misericórdia é incompreensível para os que não se reconhecem «menores», isto é, pequenos, necessitados e pecadores diante de Deus. Quanto mais estivermos cientes disto, mais estaremos próximos da salvação; quanto mais estivermos convictos de que somos pecadores, mais estaremos dispostos a ser salvos. Assim acontece no Evangelho: as pessoas que se reconhecem pobres diante de Jesus são salvas; quem, ao contrário, assim não se reconhece, não recebe a salvação, não porque esta não lhe

tenha sido oferecida, mas porque não a acolheu. Minoridade significa também sair de si mesmo, dos próprios esquemas e pontos de vista pessoais; significa ir além das estruturas — que são úteis se forem usadas com sabedoria, — ir além dos hábitos e das seguranças, para testemunhar uma proximidade concreta aos pobres, aos necessitados, aos marginalizados, numa autêntica atitude de partilha e de serviço.

Também a dimensão da fraternidade pertence de maneira essencial ao testemunho evangélico. Na Igreja das origens, os cristãos viviam a comunhão fraterna a ponto de constituírem um sinal eloquente e atraente de unidade e de caridade. As pessoas admiravam-se ao ver os cristãos tão unidos no amor, tão disponíveis no dom e no perdão recíproco, tão solidários na misericórdia, na benevolência, na ajuda mútua, unânimes no partilhar as alegrias, os sofrimentos e as experiências da vida. A família religiosa de vocês é chamada a expressar esta fraternidade concreta, mediante a recuperação da confiança recíproca — e friso isto: recuperação da confiança recíproca — nas relações interpessoais, a fim de que o mundo veja e acredite, reconhecendo que o amor de Cristo cura as feridas e unifica.

Nesta perspectiva, é importante que se recupere a consciência de que somos portadores de misericórdia, de reconciliação e de paz. Vocês realizarão com fruto esta vocação e missão se forem sempre mais uma Ordem «em saída». Isto, enfim, corresponde ao carisma de vocês, atestado também no «SacrumCommercium». Nesta narração sobre as origens de vocês conta-se que aos primeiros frades foi pedido que mostrassem qual era o claustro deles. Para responder, eles subiram a uma colina e «mostrando tudo ao redor, a terra até onde o olhar alcançava, disseram: “Este é o nosso claustro”» (T. Companheiros63). Caros irmãos, para este claustro, que é o mundo inteiro, vocês vão também hoje impelidos pelo amor de Cristo, como São Francisco os convida a fazer, dizendo na Regra bulada: «Aconselho, todavia, admoesto e exorto a meus



irmãos no Senhor Jesus Cristo que, quando vão pelo mundo, não discutam nem alterquem com palavras, nem julguem os outros; mas sejam mansos, pacíficos e modestos, brandos e humildes, falando a todos honestamente como convém. (...) Em qualquer casa em que entrarem, digam primeiramente: 'Paz a esta casa', e, segundo o santo Evangelho, seja-lhes permitido comer de todos os alimentos que forem colocados diante deles» (RB 3,10-14). Este último conselho é bom!

Estas exortações são de grande atualidade; são profecias de fraternidade e de minoridade também para o nosso mundo de hoje. Como é importante viver uma existência cristã e religiosa sem se perder em contendas efocas, cultivando um diálogo sereno com todos, com brandura, mansidão e humildade, com meios pobres, anunciando a paz e vivendo sobriamente, contentes pelo que nos é oferecido! Isto requer também um compromisso decidido na transparência, no uso ético e solidário dos bens, num estilo de sobriedade e despojamento. Se, ao contrário, vocês forem apegados aos bens e às riquezas do mundo, e puserem nisto a sua segurança, será o próprio Senhor que os despojará deste espírito de mundanidade a fim de preservar o precioso patrimônio de minoridade e de pobreza para o qual os chamou através de São Francisco. Ou vocês serão livremente pobres e menores, ou o serão por força.

O Espírito Santo é o animador da vida religiosa. Quanto mais lhe dermos espaço, mais Ele será o animador das nossas relações e da nossa missão na Igreja e no mundo. Quando as pessoas consagradas vivem deixando-se iluminar e guiar pelo Espírito, descobrem nesta visão sobrenatural o segredo da sua fraternidade, a inspiração do seu serviço aos irmãos, a força da sua presença profética na Igreja e no mundo. A luz e a força do Espírito ajudá-los-ão também a enfrentar os desafios que estão diante de vocês, em particular a diminuição numérica, o envelhecimento e a diminuição das novas vocações. Isto é um desafio. E digo a

vocês: o povo de Deus os ama. O Cardeal Quarracino, certa vez, disse-me mais ou menos estas palavras: «Nas nossas cidades há grupos ou pessoas um pouco anticlericais, e quando passa um sacerdote lhe dizem certas coisas: ‘Corvo’ — na Argentina dizem isto — insultam-no, não pesadamente, mas dizem alguma coisa. Nunca, nunca, nunca — dizia Quarracino — dizem estas coisas a um hábito franciscano». E por quê? Vocês herdaram uma autoridade no povo de Deus com a minoridade, a fraternidade, a brandura, a humildade e a pobreza. Por favor, conservem-na! Não a percam! O povo estima a vocês, os ama.

Que seja de encorajamento no caminho de vocês a estima destas boas pessoas, assim como o afeto e apreço dos Pastores. Confio toda a Ordem à proteção materna da Virgem Maria, venerada por vocês como especial Padroeira, com o título de Imaculada. Acompanhe também a vocês a minha Bênção que, de coração, lhes concedo; e, por favor, não se esqueçam de rezar por mim, eu preciso. Obrigado!

Papa Francisco





Impresso na Gráfica do



Belo Horizonte - MG  
2015